

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: OS JARGÕES DA POLÍCIA MILITAR

Maria Solange Costa Souza¹²

G/Letras/UEMS

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar e comparar a variação linguística dentro de um contexto histórico, social e profissional que acontece no âmbito da corporação da polícia militar no estado de Mato Grosso do Sul. Mesmo havendo dentro da comunidade linguística preconceito em relação à variedade não padrão, ela tem seu valor dentro de determinados grupos ou comunidades em que são empregadas, validando então sua necessidade. Lembrando, que em circunstâncias que exijam um maior teor de linguagem formal, deve-se usar a variação linguística padrão, sendo de suma importância seu domínio.

Palavras-chave: Variação Linguística. Jargões. Polícia Militar.

Introdução

O objetivo desta pesquisa é analisar e comparar a variação linguística dentro de um contexto histórico, social e profissional que acontece no âmbito da corporação da polícia militar no estado de Mato Grosso do Sul. Mesmo havendo dentro da comunidade linguística preconceito em relação à variedade não padrão, ela tem seu valor dentro de determinados grupos ou comunidades em que são empregadas, validando então sua necessidade. Lembrando, que em circunstância que exija um maior teor de linguagem formal, deve-se usar a variação linguística padrão, sendo de suma importância seu domínio.

A língua esta em constante modificação e desenvolvimento, sendo assim um sistema flexível e aberto. Segundo Lucchesi, 2004, p.166:

¹² Maria Solange Costa Souza, acadêmica do 4º ano do curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS – Unidade Campo Grande - MS. Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues, orientador

“Era preciso considerar a variação como parte integrante do sistema linguístico para que ela constituísse objeto da análise linguística sistemática; rompendo, assim, com a visão estruturalista de que o sistema linguístico seria o domínio da invariância”.

O falante faz uso da língua conforme sua necessidade de comunicação, acostumando às circunstâncias e ao meio social. A sociedade brasileira é formada por vários grupos sociais, portanto, com diferentes hábitos de linguagem e de formação. A variação da língua é de característica temporal, espacial e social, principalmente no que tange o regionalismo. No que se refere a esta pesquisa, o ênfase será as variações sociais, ou seja, diastráticas.

Alguns estudiosos e teóricos linguísticos afirmam que esta variação acontece por uso ou hábito de uma forma específica do falante dentro de um determinado grupo sociocultural. Este fenômeno ocorre devido aos diferentes grupos sociais serem detentores de conhecimentos, estilos e códigos de transmissão (comunicação) peculiares. Enfatizam fatores relevantes e determinantes como o grupo social, o sexo, a faixa etária e o contexto socioeconômico do indivíduo. A ciência através da sociolinguística (ciência que estuda o comportamento linguístico dos indivíduos de certa comunidade e como este indivíduo é determinado por sua relação sociocultural, e econômica) tem papel importante para se entender este fenômeno linguístico em nosso cotidiano.

A língua, portanto é um código formado por signos e também por leis combinatórias que determinam a comunicação entre as pessoas. Partindo deste pressuposto, a língua é a linguagem verbal e não verbal, pode ser tanto oral quanto escrita, formada por certos grupos dentro de uma mesma comunidade. Para Freire (2007, p. 150), as línguas são possuidoras de heterogeneidade:

“(...) é importante termos em mente que as línguas são heterogêneas, não são sistemas perfeitos, prontos, acabados. Pode haver nelas heterogeneidade de origem externa ou interna à língua, e a heterogeneidade de um tipo pode gerar também heterogeneidade do outro tipo.

Portanto a língua é exclusivamente de construção humana, social e histórica, é a língua que determina a identidade e a cultura. A língua portuguesa, neste contexto, é o código dos brasileiros, sendo de riquíssimas variações, denominando nossas vertentes culturais, regionais e sociais. Segundo Marcuschi (2007, p. 43):

“(...) toda vez que emprego a palavra língua não me refiro a um sistema de regras determinado, abstrato, regular e homogêneo, nem a relação linguísticas imanentes. Ao contrário, minha concepção da língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível à mudança), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminada sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situação de uso concreta, com texto e discurso.”

No Brasil, estas variações estão presentes e transportam consigo suas riquezas culturais que são a representatividade da sua identidade.

O foco deste trabalho será a variação social da linguagem no âmbito do desenvolvimento e no cotidiano do serviço do policial militar e em ocorrências policiais.

Seu contexto histórico está ligado a uma tradição oral que atravessa gerações, é de um linguajar próprio da caserna decorrente de vários anos, pois as polícias militares são oriundas do Exército Brasileiro. Ou seja, eles se utilizam dos jargões, que são termos técnicos empregados por um grupo específico e que representa uma classe social, neste caso os policiais.

Teoria

Tendo como base teórica deste artigo, a partir do enunciado de Monteiro (2000, p. 28) seguindo a temática da sociolinguística. Entende-se que a linguística é detentora da abrangência na área das variações linguísticas e que transita livremente na área da sociologia do falante.

“[...] a sociolinguística analisa os aspectos sociais com o intuito de compreender melhor a estrutura das línguas e seu funcionamento. Por sua vez, a sociologia da linguagem busca alcançar um melhor entendimento da estrutura social através do estudo da linguagem”.

Metodologia de Estudo

Para a realização desta análise de variáveis linguísticas, foram utilizadas pesquisas em textos teóricos, bibliográficos, redes sociais e entrevistas, verificando o poder que a linguagem exerce na estrutura profissional do indivíduo enquanto policial, que é o nosso objeto de pesquisa.

E em um primeiro momento foi feito um levantamento dos dados, através de meios informatizados de pesquisa, onde se coletou alguns jargões próprios do meio da Polícia Militar no quesito âmbito nacional.

Em um segundo momento foi elaborado uma pesquisa de campo, e coletados dados do linguajar com jargões próprio do policial militar, realizando, portanto uma entrevista com um policial Militar lotado em Campo Grande, capital do Estado do Mato Grosso do Sul.

Quanto ao objeto de pesquisa, iniciou-se a partir da lista de jargões do âmbito nacional, em seguida foi solicitado ao entrevistado direcionar apenas os jargões utilizados por eles aqui no estado, ressaltando sempre que esta variação social ou diastrática ocorre de maneira regionalista, cada localidade busca adequar os jargões existentes, as palavras e ditos próprios de cada ambiente, realidade e meio.

Desta forma, segue abaixo, uma tabela elaborada a partir da junção de toda a pesquisa sobre o significado de alguns dos jargões mais utilizados pelos policiais militares no Estado de Mato Grosso do Sul:

Acochambrão	Militar que sempre arranja alguma desculpa pra não trabalhar ou que sempre descansa na hora de ralar, folgado
-------------	---

Acochambar	Relaxar, vagabundear
Aloprar	Tocar o horror, estourar, chegar ao limite
Alvorada	Além de início da manhã, nascer do sol e ET. Também é uma gíria militar que tem o sentido de começar o dia, ou horário em que os militares levantarão da cama. Toque de Alvorada.
Arrego	Desistir ou amarelar.
Bivaque	Acampar sem barracas, somente com a capa de chuva. Famoso “Charutu”
Bizonho	Inexperiente, burro
Bizu	Dica
Boca de Porco	Lugar onde só tem pessoas que não prestam
Cobertura	Quepe ou Capacete.
Dar golpe	Burlar um regulamento, jogar sujo
Dar o Pronto	Após terminar uma missão, reportar ao superior que a missão foi cumprida.
Desunido	Aquele que não se preocupa com o bem da tropa e sim com o próprio bem
Embuste	Gabar-se, “tirar onda”, “contar vantagem”
Escamotear	Fugir de responsabilidades
Farândula	Grupo desorganizado
Fazer bico	Serviço fora do quartel
Gaivota	Pontos ou notas que se perde em avaliações
Jangal	Situação ruim (estar no jangal = estar na Mike)
Laranjeira	Quem vive dentro do quartel, quem mora no quartel

Ler o celotex	Verificar avisos no quadro mural
Meu peixe	Significa meu protegido dentro do quartel, meu chegado
Mocorongo	Não sabe dar palpites, bisonho
Moita	Militar que está sempre sumindo pelo quartel pra não receber missão.
Morder	Cobrando (pedindo) propina
Mulambo	Mal feito, mal vestido, porção, relaxado
Paisano	Civil
Pica fumo	Mais moderno, recém formado, recruta
Piruar	Dando uma olhada, vendo o movimento
PQD	Pára-quedista.
Safo	Militar bom no que faz; experiente
Torar	Dormir
Ultima forma	Esqueça o que eu disse; “ctrl z”
Uma extra	Estar de serviço sábado ou domingo, ou nos feriados.
Voador	Aquele não consegue fazer nada bem feito
Zaralho	Bagunça
Zero um	Melhor colocado, cabeça da turma, comandante, mais antigo

Análise dos Dados

No desenrolar do tema, a análise da variação lingüística usada pelo policial em seu cotidiano, exige um conhecimento exclusivo e direcionado no campo da sociolingüística e da sociologia enquanto

linguagem, partindo da conjectura de que a variação semântica que predomina no meio policial está interligada à necessidade de se fazer entender apenas por códigos entre os profissionais, principalmente no decorrer de uma ação de abordagem, checagem e investigação, quando o objeto em questão (pessoas civis) estiver presentes, impossibilitando assim, a terceiros, o domínio da conversação entre os policiais.

Num arcabouço de teóricos interessados na linguagem como estrutura do ser, e a significação de que a língua fornece a identidade do indivíduo em um meio social. Afirmo Saussure (2006, p.266):

“Embora a língua não forneça muitas informações precisas e autênticas acerca dos costumes e instituições do povo que a usa, servirá ao menos para caracterizar o tipo mental do grupo social que a fala? É opinião geralmente aceita a de que uma língua reflete o caráter psicológico de uma nação; uma objeção bastante grave se opõe, entretanto, a tal modo de ver: um procedimento lingüístico não está necessariamente determinado por causas psíquicas.”

Dentro da comunidade lingüística a percepção é de que todo sistema linguisticamente falando, acha-se em constante movimento, ou seja, mudança, adequação e inovação, contudo coesa. Portanto, no emaranhado destas variáveis, é imprescindível objetivar e argüir o papel de cada variação dentro do seu contexto lingüístico. Partindo deste pressuposto, este trabalho, dentro do universo policial conota e apresenta uma cultura inerente, pertencente exclusivamente ao profissional e suas ações e que em certas ocasiões se faz necessária uma linguagem que atenda e determine restrição ao meio de comunicação social ou de trabalho.

Considerações Finais

O presente estudo segue a vertente imprescindível de conhecimento dessa linguagem social, e que por consequência trás consigo mudanças sociais e culturais de um determinado grupo de falantes, neste caso, o da polícia militar. É desafiador o aprofundamento no estudo dessa temática, envolvendo uma parcela significativa da nossa sociedade, seu linguajar, sua cultura, seu convívio social e de trabalho.

Vários grupos sofrem com as mudanças linguísticas, logo, sempre surgirão novas linguagens que se estruturam por meio da oralidade. A linguagem tanto no campo policial quanto em outros grupos vem sofrendo a grande ação de modificação etimológica do vocabulário com o domínio das variações em decorrência da modernidade. Mas se deve ter cautela quanto ao uso dessas técnicas orais (jargões), procurando sempre precisão, coesão, clareza e razoabilidade.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo (2007). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.

LUCCHESI, Dante. Norma Lingüística e Realidade Social. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004a. p. 63-92.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2007). *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.

MONTEIRO, José Lemos. *Para Compreender Labor*. Petrópolis: Vozes, 2000. SEMAMA, Paolo. *Linguagem e Poder*. Tradução de Wamberto Hudson Ferreira. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981. (Coleção Pensamento Político).

SAUSSURE, Ferdinand de (2006). *Curso de Linguística Geral*. (27ª edição). São Paulo: Cultrix.

“Eu nasci pra ser polícia” Disponível em <
<https://www.facebook.com/Eunascipraserpolicia/posts/630779693622768> > Acesso em: 10 Jul. 2017.

“NÃO É QUEM SOU POR DENTRO, E SIM O QUE FAÇO É QUE ME DEFINE¹³”: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO BATMAN CARIOCA A PARTIR DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Ana Carolina Gonzalez Batista

UCAM/RJ

RESUMO: Os estudos relacionados à identidade possuem diversas correntes que defendem desde a identidade construída a partir de uma abordagem psíquica (Giddens, 2002) até a concepção de identidade como construto filosófico (Bauman, 2005). Para este trabalho adotaremos a perspectiva abordada por Hall (2006), que considera a identidade como algo móvel, que vai se construindo durante a vida do indivíduo, vai se moldando de acordo com os papéis que ele representa e se transforma de acordo com as interações com as quais ele se depara ao longo da vida.

Palavras-chaves: Identidade, Discurso, Comunicação de Massa.

Introdução

Desde o início de junho de 2013, um grande movimento popular tomou conta do país em forma de protestos e manifestações. Pela segunda vez na história do país (a primeira foi em 1992, quando manifestaram-se a favor do *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello), uma parte da população se organizou e saiu às ruas para protestar contra o aumento das passagens de ônibus. Tais protestos ficaram conhecidos como “Manifestações dos 20 centavos”, “manifestações de junho” ou “jornadas de junho”, e chegaram a ter, segundo pesquisa do IBOPE, cerca de 84% de aprovação popular¹⁴. Inicialmente pacíficas, as manifestações aumentaram de proporção e ganharam novas causas: contra a violência policial, os gastos com a preparação para a Copa das Federações e Copa do Mundo de 2014, má qualidade dos serviços públicos, corrupção, entre outros. Na sequência destes protestos, surge o “rolezinho”, movimento sem bandeira definida, mas que tinha como proposta levar pessoas de classes menos favorecidas para dar uma volta nos shoppings centers mais elitizados da cidade do Rio de Janeiro.

¹³ Frase do personagem Batman no filme *Batman Begins*, de 2005, com direção de Christopher Nolan.

¹⁴ Reportagem publicada *online* pelo portal r7. Disponível em: <http://noticias.r7.com/brasil/manifestacoes-agradam-a-84-dos-brasileiros-diz-pesquisa-ibope-06082013>

Uma figura constante nos protestos e que chamava a atenção tanto dos manifestantes quanto da imprensa era o protético Eron Morais de Melo, que ia às ruas fantasiado de Batman. Sua participação, no entanto, é controversa: alguns acreditam que ele luta pela causa, enquanto outros acham que é apenas um homem comum com síndrome de super-herói. A fim de entender o porquê da necessidade de personificar um herói das histórias em quadrinhos ao invés de assumir a sua identidade social, analisamos a personalidade do Batman “original” (Bruce Wayne) e comparamos com o Batman Carioca (Eron Morais), para saber até que ponto essa identidade se adequava ao perfil do sujeito em questão.

Os estudos relacionados à identidade possuem diversas correntes que defendem desde a identidade construída a partir de uma abordagem psíquica (Giddens, 2002) até a concepção de identidade como construto filosófico (Bauman, 2005). Para este trabalho adotaremos a perspectiva abordada por Hall (2006), que considera a identidade como algo móvel, que vai se construindo durante a vida do indivíduo, vai se moldando de acordo com os papéis que ele representa e se transforma de acordo com as interações com as quais ele se depara ao longo da vida. Nesta perspectiva, Hall acredita que a identidade não é algo que nasce com a pessoa e permanece inerte até a sua morte, e sim, algo que vai sendo construído através das representações coletivas e do conjunto de significados culturalmente partilhados pelos indivíduos.

Tomamos por base duas reportagens publicadas na época em as manifestações estavam eclodindo no Rio de Janeiro, sendo as duas veiculadas na *internet*. A primeira foi publicada no *site* terra, do dia 19 de janeiro de 2014¹⁵, pois é uma das primeiras reportagens a tentar identificar o perfil de Eron Morais de Melo, o Batman Carioca; a segunda, retirada da *Veja on-line*, que traz uma entrevista com Eron de Melo em 23 de janeiro de 2014¹⁶.

A importância do contexto

Van Dijk (2012) discute a importância do contexto para o entendimento de qualquer situação de fala. O autor argumenta que o discurso, desprovido da descrição do cenário em que está inserido, das relações de poder presentes e do conhecimento partilhado entre os falantes, torna-se apenas uma

¹⁵ Reportagem publicada *online* pelo portal Terra. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/batman-luta-por-justica-social-no-rio-de-janeiro.html>

¹⁶ Reportagem publicada *online* pela Revista Veja. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/tenho-sindrome-de-heroi-diz-batman-do-leblon>

enxurrada de palavras. Para fazer sentido, é necessário que a análise do discurso venha acompanhada de uma descrição do contexto em que ele foi produzido.

O autor analisa a importância do contexto em diversas áreas de estudo, como na Literatura, Linguística, Análise do Discurso, Etnografia, entre outras. Em suas observações, Van Dijk (2012) acredita que este conceito possui três aplicações básicas: em eventos comunicativos formais ou escritos, há uma tendência de usar o contexto como forma de situar o leitor sobre os acontecimentos que levaram o sujeito a produzir determinado discurso. Em uma interação face a face, os participantes podem interromper a fala ou alternar-se em turnos, além da linguagem não-verbal “denunciar” os sentimentos do grupo. O segundo uso do contexto refere-se às circunstâncias em que o discurso é produzido, uma vez que elas (as circunstâncias) influenciam a palavra e, também, a interpretação do discurso. Como terceira forma de ressaltar a importância do contexto, Van Dijk (2012) aponta para o uso que é feito pela imprensa, em que prevalece o aparecimento do contexto como um recuso para descrever a situação política, econômica, social, etc.

Nos usos efetivos encontrados na imprensa [...] prevalecem o segundo dos sentidos dados pelo dicionário (o de ‘situação’, ‘ocasião’) e outros sentidos intimamente relacionados, como ‘perspectiva’ e análogos. Devido às opiniões e notícias na imprensa, o sentido de ‘contexto’ acaba sendo relacionado especialmente a panos de fundo sociais, políticos, financeiros e culturais. Em geral, portanto, os usos de ‘context(o)’ que se fazem no dia a dia implicam que algo (um evento ou ação) está relacionado a uma dada situação, condições, circunstâncias ou pano de fundo (VAN DIJK, 2012:32-33).

Assim, de forma a situar o leitor em relações às questões políticas e sociais que estavam ocorrendo na época em que o Batman Carioca atraiu a atenção da imprensa, descreveremos o contexto em que as reportagens analisadas acontecem.

O que foram as manifestações de junho?

Desde 1992 (movimento a favor do *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello) o povo não ia às ruas protestar contra o governo. Em junho de 2013, mobilizados por meio de convocações feitas pelas redes sociais, milhares de brasileiros das principais capitais do país foram às ruas protestar, inicialmente, contra o aumento das passagens dos transportes coletivos. Essa onda de

protestos ficou conhecida como “Manifestação dos 20 centavos”, “Manifestações de junho” ou “Jornadas de junho”.

Estes atos populares foram fortemente reprimidos pela polícia e denegrido pela mídia em geral. Esses dois fatores fizeram com que a população acabasse apoiando os protestos. Em seu ápice, as manifestações levaram cerca de um milhão de pessoas para as ruas, que agora já não protestavam apenas contra o aumento das passagens, mas também contra a violência policial, gastos públicos em grandes eventos esportivos internacionais, a má qualidade dos serviços públicos e a indignação com a corrupção. Houve manifestações diariamente em várias cidades do Brasil entre os dias 17 e 21 de junho¹⁷.

A segunda fase das manifestações foi marcada por outras causas levantadas pelos militantes, como o questionamento sobre o teor e votação das PECs 33 e 37, repúdio ao projeto de lei conhecido como “cura” gay, instalação de uma CPI para fiscalizar os gastos com a Copa das Confederações da FIFA (2013) e Copa do Mundo (2014) e possíveis superfaturamentos.

A terceira fase já provocou menos simpatia na população, uma vez que foi marcada por atos de violência tanto dos policiais quanto de um grupo conhecido como *black blocs*, que se infiltravam nas manifestações e tinha como objetivo atacar e depredar símbolos do poder e do capitalismo. Este grupo ficou assim conhecido porque, durante os protestos, vestiam-se com roupas e máscaras pretas, formam um bloco de pessoas que se coloca entre a polícia e o restante dos manifestantes¹⁸.

Entendendo os “rolezinhos”

A “Manifestação dos 20 centavos” teve início em junho de 2013 e, ao final do ano, após inúmeros protestos, foi perdendo sua força e intensidade. Muitas pessoas deixaram de ir às ruas protestar porque sabiam que, no final dos protestos, sempre havia algum tipo de manifestação violenta por parte de um grupo que ficou conhecido como *black blocks* e que, segundo os organizadores dos protestos, não faziam parte da causa. Com a pouca adesão ao movimento, os cariocas encontraram uma nova forma de protesto, que começou em São Paulo e se espalhou pelo restante do país. São os chamados “rolezinhos”.

De acordo com matéria publicada no *Diário Catarinense*, “os **rolezinhos** são encontros marcados pela *internet* por adolescentes e começou em dezembro do ano passado [2013]. Normalmente

¹⁷ Reportagem publicada *online* pelo site Uol. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/em-dia-de-maior-mobilizacao-protestos-levam-centenas-de-milhares-as-ruas-no-brasil.htm>

¹⁸ Reportagem publicada *online* pelo site Último Segundo. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2013-08-18/apos-protestos-black-blocs-chegam-a-segunda-geracao-no-brasil.html>

os participantes são jovens pobres, a maioria negros, querendo se divertir. No começo, os eventos eram convocados por cantores de funk, em resposta a um projeto de lei que proibia bailes do estilo musical nas ruas da capital paulista”¹⁹. Em resposta ao possível tumulto, os comerciantes dos *shoppings centers* onde as manifestações ocorreram tiveram de fechar as portas por conta do tumulto e medo de que houvesse furto nas lojas. Na sequência, alguns shoppings conseguiram liminar na Justiça impedindo os protestos dentro dos centros de compras e até mesmo o acesso de manifestantes ao shopping.

Os organizadores dos “rolezinhos” alegam que são apenas jovens cantando refrões de funk ostentação nos corredores dos shoppings, e definem os encontros como um "grito por lazer" e negam qualquer intenção ilegal. Posteriormente, com a adesão de pessoas de outros Estados, a causa defendida pelos grupos passou a ser **contra o preconceito e segregação social**.

No Rio de Janeiro também houve adesão aos “rolezinhos”, seguindo o mesmo sistema de convocação e mobilização através das redes sociais. O primeiro evento aconteceu em um *shopping centers* no bairro da Ilha do Governador, Zona Norte do Rio de Janeiro, com mais de 400 pessoas confirmadas²⁰. Outra manifestação também estava marcada para acontecer no mesmo dia em um shopping do município de Niterói, com adesão prevista de 700 pessoas. No Rio de Janeiro, assim como em São Paulo, os *shoppings centers* recorreram à Justiça para reprimir a ação dos manifestantes. O protesto com maior repercussão ocorreu no *Shopping Leblon*, mesmo que com pouca adesão. Segundo o site *Tudo notícia*, “das nove mil pessoas que confirmaram presença no “rolezinho” pelo *Facebook*, apenas algo entre 50 e 150 pessoas (dependendo da fonte) compareceram ao evento”²¹.

Considerações sobre o conceito de identidade

O mundo está em constante mudança e passa por rápidas transformações. Após a Revolução Industrial (1760), com o advento das máquinas e da produção em massa, o tempo tomou outra conotação, pois parece que a vida segue um ritmo cada vez mais acelerado. O homem não vive mais uma realidade

¹⁹ Reportagem publicada online pelo jornal *Diário Catarinense*. Disponível em: <http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2014/01/entenda-o-que-sao-os-rolezinhos-e-a-repercussao-que-causaram-na-internet-4390554.htm>

²⁰ Reportagem publicada online pelo jornal G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/01/rolezinho-faz-shopping-leblon-no-rio-fechar-portas-neste-domingo.html>

²¹ Reportagem publicada online pelo jornal *Tudo Notícia*. Disponível em: <http://www.tudonoticia.com.br/2014/01/no-rio-rolezinho-para-o-povo-mas-sem-o-povo/>

de certezas, mas se defronta com mudanças rápidas, impulsionadas, principalmente, pelo avanço da tecnologia.

Nesse mundo de mudanças rápidas e fluidas, em que “tudo que é sólido desmancha no ar” (MARX & ENGELS, 1973:70 *apud* HALL, 2006:14), as identidades entraram em colapso (HALL, 2006). O sujeito moderno, que antes possuía sua identidade centrada no eu, fruto de escolhas racionais e com uma identidade única, que nascia com ele e era levada até a morte, agora se vê fragmentado, dividido entre muitas identidades, que vão sendo construídas, destruídas e reconstruídas ao longo da sua vida e na interação com o outro. Essa mudança desestabiliza o indivíduo, pois segundo Hall (2006) “a assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006:01).

Hall (2006) sistematiza a identidade em três tipos a fim de explorar as diferenças que compõem o sujeito ao longo do tempo: a) sujeito do iluminismo: mesmo com toda mudança trazida pelo iluminismo, com o esclarecimento dos mitos, a busca pela razão e a valorização da Ciência, a identidade deste sujeito ainda é “cômoda”. Isto significa que o sujeito carrega a mesma identidade desde o seu nascimento até a sua morte; b) sujeito sociológico: constrói sua identidade durante a interação com o outro. Este sujeito possui uma essência que já nasce com ele, chamada por Hall (2006) de “eu real”, mas busca nas relações com outras pessoas que são importantes para ele, construir sua identidade; e c) sujeito pós-moderno: em virtude das mudanças ocorridas na sociedade e no mundo (que Hall chama de estruturais e institucionais), o sujeito também se transformou. Ao invés de uma única e estável identidade, ele passa a fragmentar seus “eus” em diversas identidades, nem sempre unificadas, mas, algumas vezes, contraditórias ou não-resolvidas. Nossa identidade adquire, então, um caráter provisório, adquirindo formas de acordo com a interação em que nos encontramos e até em função dos papéis que estamos reivindicando.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006:12-23).

Em uma época em que a indústria cultural massificou as pessoas, as identidades e o modo de pensar e agir, o indivíduo quer se diferenciar através da reivindicação de uma identidade única, construída a partir do conjunto de crenças partilhado pelo grupo ao qual ele pertence.

A personificação do Morcego

Segundo Goffman (1980 [1967]), o que nós somos (ou acreditamos ser) não é decorrente apenas dos processos sociais nos quais nos inserimos em virtude das instituições sociais a que pertencemos, como a família, trabalho, escola etc. nosso *self*, segundo o autor, também é construído a partir das situações, ocasiões, encontros e rotina habitual. As identidades que adotamos também ajudam a produzir ordem social e estabilidade e, conseqüentemente, ajudam a dar às instituições sociais seus significados e suas estruturas fundamentais (GOFFMAN, 1980 *apud* PEREIRA, 1997).

Face, para Goffman, é “o valor social positivo que a pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (GOFFMAN, 1980:67 [1967]). A face, então, é construída a partir de valores denotativos e conotativos. O significado denotativo é expresso através da aparência, o modo de se vestir, de olhar, falar, de expressar mensagens através da linguagem corporal, enfim, tudo que é construído externamente; já o significado conotativo relaciona-se aos valores afetivos e sociocognitivos reivindicados pelo sujeito, tais como respeito, dignidade, busca por justiça, altruísmo etc.

Bilbow e Yeung (1998) fazem um estudo de onze entrevistas de nivelamento de cargo a partir da análise da elaboração dos trabalhos de face feitos por alunos do segundo ano da Universidade Politécnica de Hong Kong. O objetivo desta análise era, em primeira instância, verificar quais aspectos presentes na performance dos alunos entrevistados poderiam causar problemas para o “gerenciamento da impressão”, ou seja: a) a forma pela qual o indivíduo se apresenta para o outro e quais os atributos valorizados para construir sua face; b) a forma como o indivíduo apresenta sua atividade para o outro (daí a importância do estudo situar-se em uma situação de entrevista); c) as formas pelas quais o sujeito guia e controla a impressão que o outro pode vir a formar dele no momento em que a interação ocorre; d) o que é permitido (ou não) fazer enquanto a performance é sustentada durante a interação; e e) as estratégias (de ordem consciente ou inconsciente) que geralmente são usadas pelas pessoas ao gerenciarem impressões através dos trabalhos de face.

Embora para este trabalho não tenhamos interesse nos objetivos específicos de Bilbow e Yeung, é importante ressaltar que as hipóteses utilizadas pelos autores apoiam os estudos de elaboração da face de Goffman e são aplicáveis ao nosso objetivo: analisar como o Batman Carioca elabora sua face através da forma como projeta para o outro as impressões positivas acerca da identidade de justiceiro, construída na interação em estudo. O artigo de Bilbow e Yeung (1998) mostrou que o gerenciamento de impressões é algo feito de maneira consciente, pois é constantemente reposicionado e corroborado através do discurso, de modo que a audiência venha a sustentar a face do indivíduo.

Desvendo o mito do Batman

A impressão positiva no que tange ao discurso pode ser mostrada através da relevância, organização de ideias, coesão e coerência, tom e registro, atitude pessoal e controle das estratégias de conversação. Já com relação aos aspectos paralinguísticos, podemos citar: expressão facial, gestos e postura corporal e outros aspectos como boa aparência, gestos contidos e outros. Veremos mais a frente que o Batman Carioca utiliza todas essas estratégias para construir sua identidade de cavaleiro das trevas.

De acordo com Sarmento e Coppus (2012), a sociedade fruto da cultura de massa tem uma necessidade de consumir a ficção veiculada pelos Meios de Comunicação de Massa como forma de se manter sã em meio à loucura e ao caos que a sociedade moderna nos impõe. O consumo da ficção das telas de cinema e TV, principalmente, exerce grande influência sobre o espectador, pois permite que suas fantasias fluam ao se identificar com certos aspectos dos personagens.

Basicamente a história de Batman descreve um jovem herdeiro de uma família bilionária que vê seus pais serem assassinados quando ainda era apenas uma criança. Marcado por esse episódio de violência que o atormenta durante toda a vida e molda sua personalidade “sombria”, o jovem Bruce Wayne dedica-se a um forte treinamento físico para poder combater o crime em Gotham City, sua cidade natal. Aliado a isso, Wayne investe em tecnologia para poder usá-la a favor da justiça. Ao adentrar no submundo de Gotham para “limpar a sujeira” da cidade, Bruce Wayne, usando o alterego de Batman, enfrenta não só os criminosos, mas também seus próprios medos. Essa é a trama básica do personagem Batman/Bruce Wayne desde a criação dos quadrinhos em 1939, mesmo que ela tenha sido modificada nas adaptações para o cinema, TV, desenhos-animados, *games* etc.

A escolha pela figura do morcego deve-se ao fato de quando era criança, brincando no terreno da família, Bruce caiu em um buraco que é, na verdade, uma escura caverna. O desespero do menino

aumenta quando, ao iluminar o local com o feixe de luz da sua lanterna, desperta os morcegos que, atordoados, o “atacam”, voando em sua direção e deixando Wayne em pânico. A fim de enfrentar seu mais profundo medo, Bruce assume a persona do mamífero, suas características “físicas” (representadas pelo uniforme) e comportamentais. Para Freud (1980[1927]), assumir esta personalidade é algo esperado, pois “é, de fato, natural ao homem personificar tudo o que deseja compreender, a fim de, posteriormente, controlá-lo” (FREUD, 1980[1927] *apud* SARMENTO e COPPUS, 2012:183).

O Batman originalmente concebido por Bob Kane (*DC Comics*) tinha três características marcantes (mas que também são ligeiramente alteradas de acordo com a mídia e o roteirista que faz a história): 1) Batman, além de grande lutador, é um exímio estrategista. Todos os seus passos são calculados de forma a garantir sua vitória ante o inimigo. A partir do conhecimento da mente dos criminosos, ele antevê as “jogadas” que serão utilizadas e se prepara para enfrenta-las. Ao se inserir no submundo do crime, Batman pretende “conhecer a mente dos criminosos e ser capaz de inferir-lhes medo, atacando suas mentes antes de desferir seus violentos golpes marciais” (SARMENTO e COPPUS, 2012:183); 2) seu código moral não permite matar ninguém, pois ao cometer esse delito, ele se igualaria aos criminosos que combate. No entanto, não hesita em infligir grande dor física em seus inimigos; e 3) o isolamento em relação à sociedade em geral é uma forma de evitar as decepções das relações humanas e proteger seus entes queridos.

O Batman Carioca sob o olhar da mídia

A primeira matéria analisada traz o título ““Batman”” luta por justiça social no Rio de Janeiro”²², e já mostra que a construção da identidade de Eron Morais como Batman será positiva, uma vez que seus objetivos não são questionados. Ao contrário, afirma-se que a causa defendida por ele é nobre. Essa é a primeira similaridade encontrada entre Eron e Bruce Wayne, o Batman dos quadrinhos.

O subtítulo da matéria (“Eron Morais de Melo usa a fantasia, produzida por ele mesmo, desde os protestos que tomaram conta do país no ano passado”) ressalta que a “fantasia” utilizada por Eron Morais foi produzida por ele mesmo. Esta informação é importante porque é mais um elemento que o aproxima do Batman “original”, que também é responsável pela confecção – e, posteriormente, aperfeiçoamento – do próprio uniforme.

²² Reportagem publicada online pelo portal r7. Disponível em: <http://noticias.r7.com/brasil/manifestacoes-agradam-a-84-dos-brasileiros-diz-pesquisa-ibope-06082013>

A foto que acompanha a matéria é extremamente significativa. Ela traz Eron fantasiado de Batman, caminhando com atitude de herói, com uma favela ao fundo, crianças ao redor e, se escondendo embaixo da sua capa, uma criança negra, com gesso no braço e sem camisa. Esta cena mostra que a sociedade, aqui representada por um menino negro e sem camisa, está protegida sob o seu manto. Ao fundo, a Favela do Metrô, no bairro do Maracanã, Rio de Janeiro, representa a degradação física da cidade por descuido e falta de investimentos dos governantes, assim como a Gotham de Batman.

O texto trabalha o tempo todo mostrando as semelhanças e diferenças entre o Batman dos quadrinhos e o Batman Carioca. A própria divisão do texto é interessante, pois começa mostrando as semelhanças entre eles, depois, a fim de mostrar imparcialidade, traz um contraponto, mostrando a diferença entre os heróis e, enfim, termina a matéria formando uma imagem positiva de Eron, como veremos a seguir²³:

Recentemente, um dos maiores heróis dos quadrinhos tem sido visto com frequência no Rio de Janeiro. Mas, ao contrário do "Cavaleiro das Trevas" de Gotham City, na cidade ensolarada a luta do Batman brasileiro não é contra os bandidos na calada da noite, e sim, ao lado do povo, por justiça social.

Neste parágrafo são feitas duas comparações que mostram a diferença entre os heróis. Segundo Castells (2000), a identidade também pode ser construída a partir das oposições, pois marcam os elementos que aproximam o sujeito do papel que ele deseja desempenhar, mas também, ao se afastar através das oposições, marca a identidade pessoal do indivíduo. Enquanto Bruce Wayne luta na lúgubre e escura Gotham City, Eron Morais tem como território de lutas a ensolarada cidade do Rio de Janeiro. Outra oposição também é relacionada ao tipo de "crime" que será combatido pelos heróis: o alvo de Wayne são os bandidos, que normalmente agem na calada da noite; já Eron luta ao lado do povo por justiça social.

Desde os protestos realizados no Rio durante a Copa das Confederações, no ano passado, Batman surge em meio aos manifestantes, atraindo as atenções de todos. Suas aparições são recebidas, geralmente, com aplausos entusiasmados da multidão. E, assim, o Batman carioca se tornou uma celebridade. Quando chega, todos vão rapidamente saudá-lo. Como nas histórias em quadrinhos e nos filmes, ele é visto como o defensor da justiça.

²³ Todas as citações a partir daqui foram retiradas da matéria citada imediatamente acima.

Quando a versão brasileira do super-herói surge à noite nos Arcos da Lapa ou apertando a mão de um indígena durante um protesto, parece que o super-herói de Gotham realmente saiu das telas de cinema.

No parágrafo seguinte, o jornalista mostra que Eron e a população do Rio de Janeiro estão em consonância em relação à causa defendida, tanto que ao aparecer nos protestos, o Batman Carioca geralmente é recebido com aplausos pela população e pelos manifestantes. Já o Batman de Wayne, um pouco mais polêmico, em certas ocasiões, é amado pela sociedade; em outras, seus métodos são colocados sob questionamento. Ambos são vistos como defensores da justiça. Daí a empatia entre os heróis e os cidadãos das suas respectivas cidades.

Na verdade, o Batman brasileiro está longe de levar a vida do magnata Bruce Wayne. Ele chama-se Eron Moraes de Melo. É um protético de 32 anos e começou a se vestir de Batman depois de confeccionar a própria roupa, durante as grandes manifestações de junho de 2013. Eron decidiu ser o homem-morcego porque, para ele, Batman é um símbolo da luta contra a opressão.

Segundo Eron, no Brasil há uma ditadura disfarçada de democracia. E deixou claro à AFP que vai participar das manifestações até que a Constituição seja plenamente respeitada e os cidadãos tenham moradia, educação e saúde.

O quarto parágrafo da matéria é construído em cima das oposições entre eles. Enquanto Wayne é um herdeiro bilionário, Eron é um protético, trabalhador autônomo. Ambos lutam em prol da população, mas enquanto este tem como “bandeira” a luta contra a opressão, aquele combate o crime.

O Batman do Rio de Janeiro se transformou em uma figura acompanhada pela mídia e já recebeu vários convites para se filiar a partidos políticos. Mas ele se recusa a fazer parte de um sistema contra o qual luta.

Ainda trabalhando em cima das semelhanças entre os heróis, a matéria mostra que ambos são incorruptíveis. Eron, embora tenha sido convidado a participar da vida política da cidade, não se filia a partidos políticos para não fazer parte do sistema contra o qual luta. Wayne, como combate o crime, tem como característica nunca matar para não se igualar aos bandidos contra os quais luta.

Nos próximos parágrafos, o jornalista começa a mostrar a diferença entre eles, numa tentativa de mostrar a imparcialidade característica da imprensa.

... Eron chegou a ser detido pela polícia por ter desrespeitado uma lei proibindo manifestantes mascarados.

...
Desde que foi proibido o uso de disfarces, Batman vem usando, muitas vezes, uma cartolina que indica seu nome e o número de sua carteira de identidade, para provar que não usa sua máscara para se esconder das autoridades.

Ao contrário do herdeiro de Gotham, Eron não se importa em revelar sua “identidade secreta”²⁴. Ele acredita que só tem vantagens em defender o povo, e qualquer tipo de opressão que possa sofrer, irá ferir seus direitos constitucionais. Ele defende o direito de liberdade de expressão por acreditar na justiça acima de tudo. Bruce, no entanto, não revela sua “identidade secreta” sob qualquer hipótese, principalmente por medo de que seus entes queridos sofram algum tipo de retaliação.

A partir do próximo parágrafo e até o final do texto, o jornalista volta a mostrar as semelhanças entre os personagens.

Por algum tempo, ele deixou de ir às manifestações e as pessoas começaram a exibir cartazes perguntando: "Onde está o Batman?" Teria ficado o Rio sem o seu super-herói justiceiro?

Durante um certo momento, por causa da polêmica envolvendo os episódios de vandalismo que foram ligados às manifestações, Eron resolveu se afastar um pouco dos protestos, uma vez que as verdadeiras intenções dos manifestantes estavam sendo distorcidas. No entanto, mesmo controverso, quando deixou de ir às manifestações, as pessoas começaram a exibir cartazes pedindo sua volta, assim como Wayne. Nos quadrinhos, quando o Batman de Gotham percebe sua impotência no combate ao crime em Gotham, afasta-se da sua luta e o povo clama por sua volta.

...
Hoje, Batman é uma figura inevitável em todos os movimentos sociais no Rio e vai continuar assim durante a Copa. Sua presença parece levar algum conforto e estímulo a todos. Sem dúvida, dá aos manifestantes a esperança de que seu grito seja ouvido.

A matéria mostra que um homem comum, ao dar vida a um personagem em quadrinhos, não só chama atenção pelo fato inusitado, mas também dá aos manifestantes a esperança de serem ouvidos,

²⁴ Em dado momento, os manifestantes foram impedidos de usar máscaras. Eron optou, então, por usar um cartaz com seu nome e identidade expostos para provar que a máscara não é para se esconder, e sim um símbolo que compõe seu uniforme e representação do super-herói.

uma vez que sua presença atrai os holofotes da imprensa, assim como Wayne dá esperança ao povo de Gotham de que ele não terá descanso enquanto houver crime na cidade.

Em oposição à primeira reportagem estudada neste trabalho, a matéria da *Revista Veja*²⁵ traz uma abordagem negativa da construção da identidade de Eron de Melo em Batman. Nesta reportagem, a revista fala sobre a presença do Batman Carioca – que ela chama de Batman do Leblon – no movimento conhecido como “rolezinho”. A entrevista é composta de nove perguntas e respostas e não tem nenhuma conclusão ou comentário ao final²⁶. Nosso objetivo para este trabalho é analisar a introdução da reportagem, quando o veículo de comunicação apresenta Eron Morais e constrói sua identidade baseada em aspectos negativos. Escolhemos esta reportagem justamente para contrastar com a primeira matéria aqui analisada, que traz uma representação positiva do Batman Carioca.

Analisando a reportagem, podemos ver que mesmo sendo a imprensa comprometida com a imparcialidade, a escolha das palavras utilizadas pelo jornalista ajuda a construir uma identidade negativa do Batman Carioca. O título da matéria (“Tenho síndrome de herói”, diz Batman do Leblon”) traz dois aspectos que ajudam a desconstruir a identidade positiva do nosso Batman: 1) a escolha de uma frase da fala de Eron Morais que, fora do contexto, parece que, na verdade, ele não luta pela justiça social e tem os ideais partilhados pelo povo. Ao contrário, vestir-se de Batman seria uma forma de dar vazão às suas fantasias e inflar seu ego, pois teria “síndrome de herói”, e não um sentimento genuíno de justiça; 2) ao nomeá-lo como “Batman do Leblon”, a reportagem desconstrói a imagem de que Eron é um homem do povo, e sim, um rapaz rico em busca de atenção.

Ao ler a matéria até o fim, o jornalista esclarece que ele não mora no Leblon, mas foi assim chamado por ter participado de uma manifestação no bairro. Todavia, essa manchete, sem o contexto necessário, faz parecer que o Batman seria uma farsa em relação ao que outras reportagens mostravam na época destes acontecimentos, como veremos a seguir:

O protético Eron Morais de Melo está acostumado aos holofotes. Desde junho do ano passado, ele diz ter ido a mais de vinte [manifestações](#) no Rio de Janeiro vestido de Batman, o que atrai a atenção da imprensa e até de alguns manifestantes ilustres, como o ator Marcelo Serrado, que posou para uma foto ao seu lado numa passeata.

²⁵ Reportagem publicada *online* peça Revista Veja. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/tenho-sindrome-de-heroi-diz-batman-do-leblon>

²⁶ Todas as citações a partir daqui foram retiradas da matéria citada imediatamente acima.

Com essa frase, a intenção é mostrar que é a pessoa Eron que gosta de atenção. Nesse caso, a identidade do Batman é posta de lado e essa característica é atribuída ao sujeito Eron de Melo. A escolha das palavras “ele diz ter ido a mais de vinte manifestações” é uma forma de desacreditar as intenções do Batman Carioca. Afinal, o jornalista não afirma o número de manifestações em que o protético esteve presente, mas passa a responsabilidade dessa informação para o próprio entrevistado.

Com o fim da onda de manifestações pelo país, o carioca resolveu aderir ao evento da moda, os chamados "rolezinhos" em shoppings centers organizados por adolescentes funkeiros.

A escolha das palavras conduz o leitor à conclusão de que Eron quer manter-se na mídia a qualquer custo, mesmo que tenha de aderir a causas sem “bandeira” definida. Para a revista, o “rolezinho” era um evento que estava na moda (na época em que a reportagem foi feita) e que, na falta das manifestações nas quais Batman ficou conhecido, ele marca presença em qualquer protesto, desde que possa aparecer sob os holofotes.

Porém, como os "rolezinhos" não têm a mesma aprovação popular – nem bandeiras muito claras – que os protestos de 2013, Batman acabou se envolvendo em uma confusão no último final de semana.

O texto atribui a confusão em que Eron se envolveu ao fato de que, como os “rolezinhos” não são tão populares quanto as manifestações do “Movimento dos 20 centavos”, Eron, para não cair no esquecimento e virar notícia a qualquer custo, acabou se envolvendo em uma discussão.

Com diálogos inusitados e roteiro de comédia, o bate-boca com o cineasta Dodô Brandão, morador do Leblon, na Zona Sul do Rio, **virou hit na internet**, com milhares de visualizações no Youtube.

Destaca-se que o jornalismo deveria ser isento de julgamentos. Aqueles que exprimem a opinião do profissional de imprensa ou do Meio de Comunicação é chamado de jornalismo opinativo ou editorial, respectivamente. No entanto, a reportagem qualifica a discussão envolvendo Eron como tendo “diálogos inusitados e roteiro de comédia”, o que mostra o viés de desconstrução da identidade positiva do herói carioca.

Passada a confusão, o "Batman do Leblon", como ficou conhecido nas redes sociais, explicou ao site de VEJA porque sai às ruas fantasiado aos 32 anos: "Sou um idealista, tenho síndrome de herói"

Finalmente, a notícia satiriza a forma como Eron se veste para ir às manifestações ao dizer que ele sai às ruas "fantasiado". Notem que ela (a reportagem) não se refere à roupa como vestimenta, mas como uma fantasia, e ainda ressalta que Eron tem 32 anos, ou seja, um homem adulto que sai pela cidade usando uma roupa de super-herói, não pelo ideal que ela representa, mas simplesmente porque ele teria uma necessidade de chamar atenção.

Considerações finais

O personagem Batman tem um apelo muito grande tanto entre os fãs de quadrinhos quanto entre aqueles que têm interesse apenas nos filmes e séries de TV. É um dos heróis mais populares, principalmente pelo fato de que seus poderes não advêm de nenhuma mutação, são sobrenaturais ou fruto de um acidente. Ele se baseia em estratégia planejamento e acessórios que ele mesmo constrói e aperfeiçoa. Quando está na "pele" de Bruce Wayne, embora não seja um homem comum, os fãs encontram empatia por causa do drama pelo qual o jovem passou na sua infância.

Ao assumir a personalidade do Batman, o protético Eron Morais de Mello atrai a atenção das pessoas e da mídia não só pelo inusitado (estar fantasiado em meio a um grupo de manifestantes), mas também pelo fato de que, ao vestir a roupa do morcego, ele incorpora seus ideais de luta e justiça. Mesmo com a diferença que marcam ambos os personagens, a questão ideológica é a mesma.

A mídia exerce papel importante nesta construção da identidade de Eron de Mello, pois é através dos Meios de Comunicação de Massa que os leitores passam a conhecer as causas defendidas pelo Batman Carioca. Assim como o Batman de Gotham City, Eron não é unanimidade entre o povo e a mídia. A reportagem escolhida para ser analisada neste trabalho construiu uma imagem positiva do protético, mostrando que ao personificar o Batman, ele se torna um defensor da justiça e símbolo da luta contra a opressão. No entanto, outras reportagens veiculadas na mesma época constroem uma imagem diferente do carioca. Para ressaltar este outro aspecto, buscamos uma matéria na qual a representação da identidade positiva do Batman Carioca é desconstruída e vinculada a uma necessidade de ser conhecido e reconhecido nas ruas, e não a personificação de um herói que luta por justiça.

A figura do herói e os ideais que ele defende, embora tenham traços universais e atemporais, variam de acordo com a evolução da sociedade, por isso não acreditamos em uma identidade estanque, mas em múltiplas identidades que se compõem na interação com o outro.

Referências Bibliográficas

Após protestos, Black Blocs chegam à segunda geração no Brasil. (18 de agosto de 2013). Página visitada em 05 de setembro de 2014. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2013-08-18/apos-protestos-black-blocs-chegam-a-segunda-geracao-no-brasil.html>

'Batman' luta por justiça social no Rio de Janeiro. Terra. (19 de janeiro de 2014). Página visitada em 13 de junho de 2014. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/batman-luta-por-justica-social-no-rio-de-janeiro,0cc224e15db93410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>

BILBOW, Grahame T. & YEUNG, Sylvester. *Learning the pragmatics of 'successful' impression management in cross-cultural interviews.* Pragmatics. Quarterly Publication of the International Pragmatics Association (IPrA). New York. Vol 8. No 3. 1998.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade.* Tradução: Klaus Brandini Gerhardt. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COPPUS, Alinne Nogueira Silva e SARMENTO, Tiago Alves de Moraes. *Os signos de Batman: uma análise do personagem a partir da semiótica e psicanálise.* Psicanálise & Barroco em revista. Volume 9, número 2, dezembro de 2012.

Em dia de maior mobilização, protestos levam mais de 1 milhão de pessoas às ruas no Brasil. (20 de junho de 2013). Página visitada em 05 de setembro de 2014. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/em-dia-de-maior-mobilizacao-protestos-levam-centenas-de-milhares-as-ruas-no-brasil.htm>

Entenda o que são os rolezinhos e a repercussão que causaram na internet. Diário Catarinense. (15 de janeiro de 2014). Página visitada em 05 de setembro de 2014. Disponível em:

<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2014/01/entenda-o-que-sao-os-rolezinhos-e-a-repercussao-que-causaram-na-internet-4390554.html>

FREUD (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. vol. XXI.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

GOFFMAN, E. *A Elaboração da Face: Uma Análise dos Elementos Rituais da Interação Social*. In: FIGUEIRA, S. (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.

LACAN, J. *The mirror stage as formative of the function of the I*. In: *Ecrits*. Londres: Tavistock, 1977.

Manifestações agradam a 84% dos brasileiros, diz pesquisa Ibope. R7 (6 de agosto de 2013). Página visitada em 13 de junho de 2014. Disponível em: <http://noticias.r7.com/brasil/manifestacoes-agradam-a-84-dos-brasileiros-diz-pesquisa-ibope-06082013>

[No Rio, “rolezinho” para o povo, mas sem o povo. Tudo Notícia. \(20 de janeiro de 2014\)](http://www.tudonoticia.com.br/2014/01/no-rio-rolezinho-para-o-povo-mas-sem-o-povo/). Página visitada em 05 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.tudonoticia.com.br/2014/01/no-rio-rolezinho-para-o-povo-mas-sem-o-povo/>

OLIVEIRA, Bruno Silva de. *Uma estrada que leva a muitos lugares: concepções de herói*. Nome - Revista de Letras, Goiânia, vol. I, n. 1, jan.-jun. 2012.

PEREIRA, Maria das Graças Dias. *Debate e réplica no discurso acadêmico escrito em Linguística: estratégias de proteção, de destruição e de recuperação da face*. In: PEREIRA, Maria Teresa (org.). *Língua e linguagem em questão*. Rio de Janeiro, Editora Universitária do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

'Rolezinho' faz Shopping Leblon, no Rio, fechar as portas neste domingo. G1. (19 de janeiro de 2014). Página visitada em 05 de setembro de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/01/rolezinho-faz-shopping-leblon-no-rio-fechar-portas-neste-domingo.html>

SANTIAGO JUNIOR, Francisco das Chagas F. *Imagens de raça e terror racial nos comics: X-men, espaços da diferença e imaginário norte-americano*. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Janeiro - Junho de 2013. Vol. 10. Ano X. Nº 1.

Tenho síndrome de herói', diz Batman do Leblon. Revista Veja. (23 de janeiro de 2014). Página visitada em 13 de junho de 2014. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/tenho-sindrome-de-heroi-diz-batman-do-leblon>

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e Contexto. Uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In (Org.) SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.